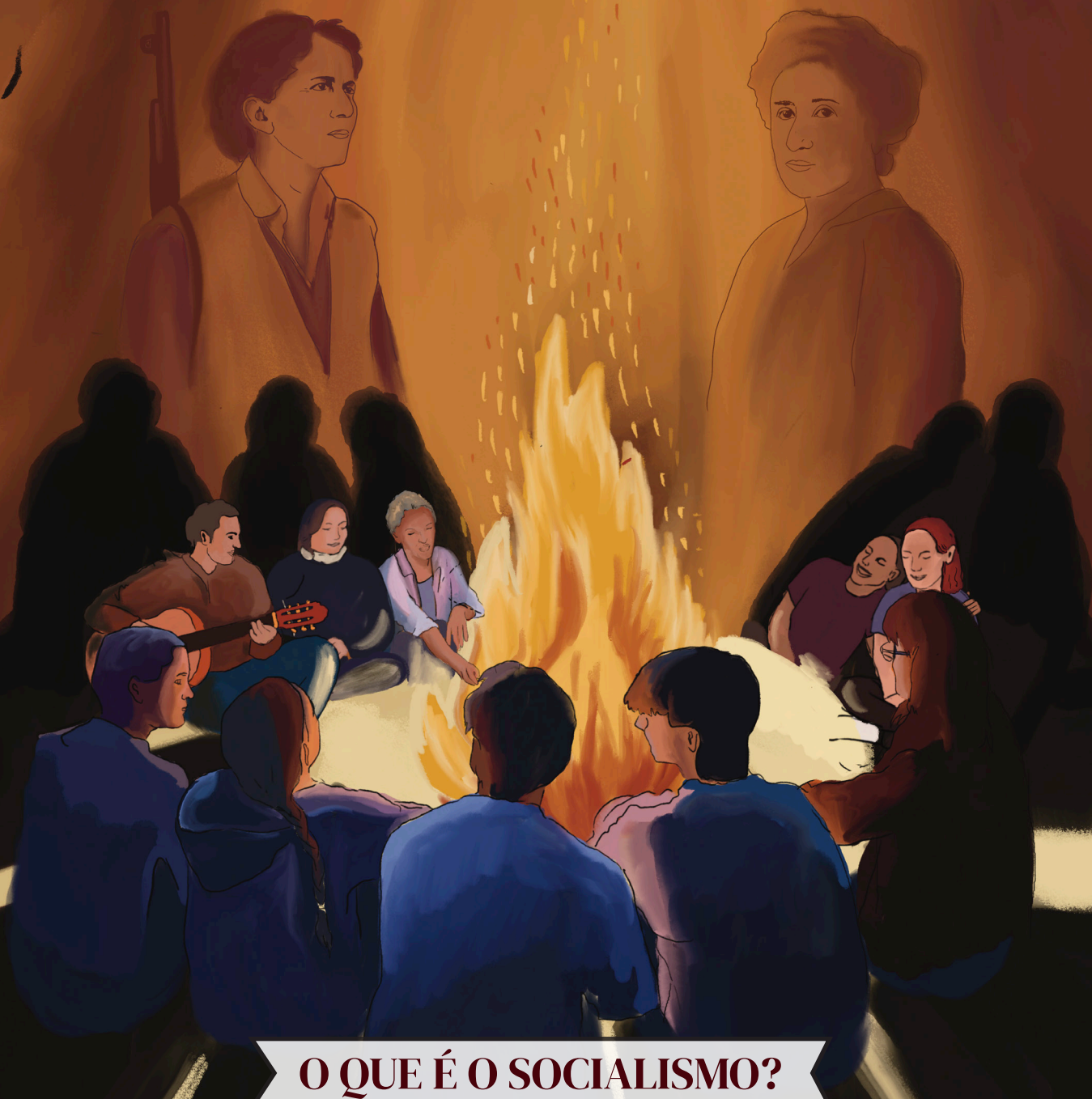


Lêgerîn

Insistir na humanidade é insistir no socialismo



O QUE É O SOCIALISMO?



NÚMERO 18
DEZEMBRO DE 2025
JANEIRO - FEVEREIRO DE 2026

04 Juventude Em Ação

06 Mulheres, Comuna e o Novo Socialismo

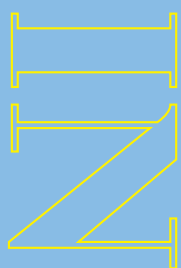
10 Dossiê: Socialismo?

11 A Chave para o Socialismo Democrático é a Liberdade das Mulheres

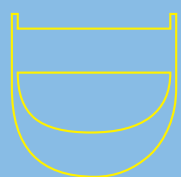
16 Vozes Jovens Internacionais

18 Cartaz

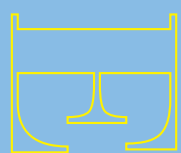
As Raízes do Socialismo na
Cultura da Mãe 20



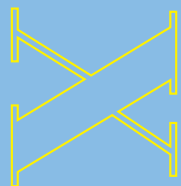
Um olhar para o passado para
construir nosso futuro 23



Memorial de Şehîd Emine Erciyes 27



Uma Mulher que cresceu nas
Montanhas Zagros 30



Uma Uganda Alternativa 32

O que aconteceu na História? 34

Quem
somos nós? 35

○ Agradecimentos especiais aos artistas que nos permitiram usar suas obras nesta edição: Ayshe-Mira Yashin (@ayshemira no Instagram, site: www.ayshemira.com), Eric Andriantsialonina (@Dwa. Artist no Instagram e Facebook). Agradecemos aos artistas Selma Uhlich, Siria e Ola pelas obras originais criadas para esta edição.

PREZADOS LEITORES,

Enquanto escrevemos estas linhas, jovens estão se levantando em todo o mundo, do Nepal ao Peru, Indonésia, Filipinas, Madagascar e Marrocos! Jovens estão se levantando em nome da Geração Z, aqueles com idades entre 15 e 30 anos. Cinquenta anos atrás, o movimento de 1968 apresentou uma ruptura histórica. Por quê? Foi a primeira vez na história que jovens se levantaram como jovens, com sua própria identidade e autoconsciência. Essa identidade uniu e guiou jovens de todas as origens em sua busca por uma vida livre. Mais uma vez, com o movimento da Geração Z, os jovens estão abraçando sua própria identidade e transformando-a em uma força de luta. De um continente a outro, reconhecemos nossa unidade. Inspiramo-nos nos insurgentes do Nepal e nos combatentes da resistência em Madagascar. Compartilhamos a dor das dificuldades, mas também a alegria da vitória!

No entanto, levantar-se não é suficiente. Após um dia, uma semana ou um mês de revolta, precisamos nos perguntar: qual é a nossa perspectiva? Qual é o nosso objetivo a longo prazo? Até que ponto somos capazes de chegar à raiz dos problemas para resolvê-los? O que somos capazes de mudar de forma profunda e duradoura? É nessa discussão que queremos intervir com o tema desta revista: o que é socialismo?

Quando falamos de socialismo, pensamos principalmente na experiência do socialismo real e da União Soviética. Após o colapso da União Soviética na década de 1990, o sistema capitalista explorou os erros cometidos durante a experiência da URSS para condenar as ideias socialistas em geral. O sistema quis aproveitar essa oportunidade para acabar completamente com a alternativa

e a esperança que o campo socialista representava para a humanidade. Em reação, houve pouca autocrítica profunda dentro do movimento socialista como um todo. Essa situação impediu o desenvolvimento de uma alternativa socialista concreta à modernidade capitalista no século XXI. Desde a década de 1990, o movimento de libertação liderado por Abdullah Öcalan tem compreendido esse trabalho de crítica e reconstrução.

Com base no paradigma desenvolvido por Abdullah Öcalan, queremos recuperar a ideia do socialismo e reexplorar nossa história como seres humanos. O que é uma comuna? Como se desenvolveram as primeiras formas de dominação baseadas na opressão das mulheres? Quais formas de resistência os povos adotaram ao longo da história? O que é uma personalidade socialista? Como podemos incorporar o socialismo em nossas vidas?

Então, após a revolta, o que construiremos? Esperamos que esta edição sirva de inspiração para o debate em curso em todos os continentes.

Nada pode deter uma juventude unida!

REVISTA LÊGERÎN

EDITORIAL

JUVENTUDE EM AÇÃO

AEM TODO O MUNDO, OS JOVENS ESTÃO RETOMANDO A INICIATIVA! AQUI COMPILAMOS ALGUMAS DAS AÇÕES QUE OCORRERAM ENTRE AGOSTO E SETEMBRO DE 2025.



NEPAL

A juventude do Nepal foi às ruas contra a corrupção institucional e a censura. O que começou como um protesto pela liberdade de expressão logo foi abraçado pela população, que exigia prestação de contas e transparência do governo para combater a corrupção e o nepotismo. Os protestos resultaram em 72 mártires e na queda do governo de Sharma Oli.

CURDISTÃO

Em todas as partes do Curdistão, na diáspora e ao redor do mundo, jovens se reúnem coletivamente para ler o “Manifesto por uma Sociedade Democrática”, compartilhado da ilha-prisão de Imrali por Abdullah Öcalan na primavera de 2025. Aqui, um grupo de jovens mulheres na cidade de Aleppo (Síria).



FLOTILHA GLOBAL SUMUD

Em solidariedade à Palestina e contra a inação e cumplicidade dos governos ocidentais, mais de 500 ativistas de 44 países decidiram embarcar em uma missão para romper o bloqueio marítimo ilegal de Israel e levar ajuda humanitária à população de Gaza.





INDONÉSIA

O povo indonésio, liderado por organizações estudantis, demonstrou sua discordância com os salários e benefícios habitacionais concedidos a funcionários do governo, que superavam em quase dez vezes o salário mínimo de Jacarta. Pelo menos 10 pessoas foram mortas e milhares foram presas desde junho.

MARROCOS

Coletivos descentralizados, como a Voz da Juventude Marroquina e o GenZ 212, estão liderando manifestações contra a ineficiência do governo e as políticas de infraestrutura. Enquanto os sistemas de educação e saúde no Marrocos continuam sofrendo com a falta de financiamento e pessoal, o governo liberal liderado pelo bilionário Aziz Akhannouch gasta bilhões em estádios e infraestrutura não essencial. Os protestos começaram após a indignação com a morte de nove mulheres grávidas em um hospital público em 25 de setembro. Apesar da pressão e da condescendência do Estado, os manifestantes seguem em frente para obter garantias de que suas reivindicações serão atendidas.



MADAGASCAR

A partir de 25 de setembro, e inspirado pelos camaradas do Nepal e do Sri Lanka, o grupo Gen Z Madagascar começou a protestar contra os cortes de energia elétrica e água, mas esses protestos logo se transformaram em uma ação popular em todo o país contra a liderança do presidente Rajoelina e a corrupção sistêmica. Enquanto escrevemos este texto, soldados se juntaram aos manifestantes, recusando-se a obedecer ordens para atirar em seus irmãos e irmãs. O presidente fugiu.

Se você quiser que compartilhem suas ações na próxima edição, envie-nos um e-mail para legerinkovar@protonmail.com com algumas fotos e informações sobre elas. Os jovens de todo o mundo estão se organizando e agindo, junte-se a eles!

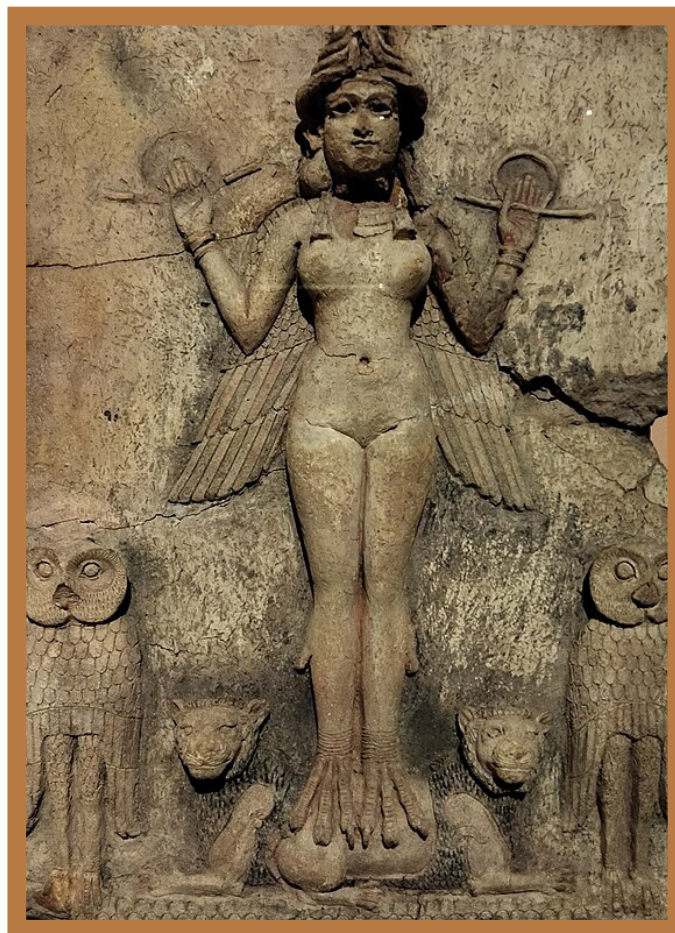
MULHERES, COMUNA E O NOVO SOCIALISMO

Abdullah Öcalan
Primavera de 2025

O texto a seguir é uma compilação de trechos das perspectivas de Abdullah Öcalan escritas para o 12º Congresso do PKK, realizado de 5 a 7 de maio de 2025 nas montanhas livres do Curdistão. Essas perspectivas representam a introdução ao “Manifesto por uma Sociedade Democrática”, que em breve será divulgado publicamente e que desenvolve em profundidade os temas aqui abordados.

A mulher coleta plantas, o homem caça — ele mata seres vivos. A guerra é o assassinato de seres vivos. Matar animais é assassinato. A mulher construir a vida social em torno de sementes de plantas é uma questão completamente diferente. O homem se fortalecer matando é uma questão completamente diferente. Vou elaborar isso mais adiante. Uma se transformou na sociedade atual, movida por massacres; a outra ainda tenta manter a sociedade unida. Portanto, a cultura que mantém a sociedade viva baseia-se numa sociologia que se desenvolve em torno das mulheres. Uma sociedade centrada na guerra — isto é, na pilhagem — é uma sociedade dominada pelos homens. O negócio deles é a mais-valia. Marx relaciona isso à formação de classes, mas isso nem é necessário. Assim que a possibilidade de mais-valia começa a surgir em torno da mulher — uma sociedade baseada em plantas e um aumento nutricional —, o homem põe os olhos nisso. Ele caça animais, sim, mas também se apodera dos alimentos que a mulher coleta. Ele toma o alimento e também a mulher. É assim que a história começa. Ele mata dois coelhos com uma cajadada só.

Sim, a mulher construiu a sociedade, estabeleceu o lar. A mulher alimenta seus filhos. Existe um clã de mulheres, uma sociedade feminina. Ela alcançou o status de deusa e governou a humanidade por 30.000 anos. Então, o homem-caçador cria um grupo especial, uma espécie de clube de irmandade masculina. Forma-se um grupo de caça; eles matam animais primeiro e, se tive-



estátua de Inanna

rem sucesso, fazem um banquete. Mas então ele vê que as mulheres estão plantando trigo, cevada, lentilhas — e, ao estabelecerem aldeias, estão desenvolvendo a sociedade que chamamos de Neolítica. Ela constrói casas. Ela faz isso porque alimenta e protege os filhos, tem irmãs como tias e irmãos como tios. Há crianças — este é um clã. Mas ela está produzindo, inventando. Inanna diz a Enki: “Você roubou centenas de Mim”. Isso significa que existem centenas de instituições de artes criativas — e ela diz: “Eu fui a criadora delas, e agora você está reivindicando a propriedade”. Ela diz na epopeia: “Você diz que as criou, mas está mentindo”. “Eu as criei, você está se apropriando delas”. Essa é a expressão mitológica. Eu disse isso em meu próprio estilo e a desenvolvi ainda mais. Foi assim que analisei a Epopeia de Gilgamesh. E quando se trata do problema central: o homem, confiando nesse porrete de caçador, ataca

essa sociedade centrada na mulher. É aí que o problema começa. Será verdade? Sim, é verdade. Vemos isso — começando com Riha (trad. Urfa), é generalizado. Através da instituição do casamento, o homem poderoso mata todos os dias.

A próxima fase é a da propriedade. Não nos esqueçamos — o confinamento no lar é uma ideologia perigosa. Uma questão profunda. Como já disse antes, é aqui que os problemas sociais realmente começam. Esta é a raiz do surgimento da classe, do Estado. E é o homem que orquestra tudo isso. O homem lidera a revolução aristocrática, a revolução burguesa — mas todas giram em torno da escravização das mulheres. Uma vez estabelecido o Estado, não resta nenhum poder capaz de conter o homem. O Estado expressa o poder masculino ilimitado. O homem é marcado por ele.

Se você perde sua liberdade de pensamento, inevitavelmente perece. Portanto, nossa nova emergência — novo socialismo, nova identidade curda, nova liberdade curda — se desenvolve com base nisso. É uma forte crítica à civilização, à modernidade e à escravidão feminina, e está demonstrando grande progresso em nós. Podemos superar o problema individualmente e progredir coletivamente também. Para mim, esta é a nossa maior contribuição para o socialismo. Disse isso como uma introdução ao tópico “Sociabilidade e questões femininas”.

A DICOTOMIA ENTRE ESTADO E COMUNA NA SOCIEDADE HISTÓRICA

O materialismo histórico deveria substituir o conceito de luta de classes pelo conceito de “comuna”. Não seria essa não apenas uma abordagem realista, mas também o caminho mais saudável para o socialismo dentro da sociologia, através da liberdade de pensamento e ação? Em vez de definir o materialismo histórico e o socialismo com base no conflito de classes, acredito que seja mais preciso fundamentá-los no dilema entre Estado e comuna. Considero mais apropriado revisar o marxismo e implementá-lo através deste conceito. Em outras palavras, a história não é uma história de luta de classes, mas um conflito entre Estado e comuna. A teoria marxista do conflito baseada na divisão de classes é a principal razão para o colapso do socialismo real. Ela sequer requer críticas. A causa principal reside na sua tentativa de construir a sociologia com base nessa divisão de classes. Então, o que significa o dilema entre Estado e comuna como substituto para essa divisão? É uma observação muito valiosa — bem conhecida, porém não sistematizada. O que estou fazendo aqui é uma análise sistemática. Quero resolver o materialismo histórico dentro dessa estrutura conceitual. Além disso, pretendo fundamentar o socialismo contemporâneo não em uma ditadura do proletariado, mas em um conjunto de conceitos que organiza a relação entre Estado e comunalidade. Tenho a forte impressão de que isso produzirá resultados muito construtivos e impactantes.



Pintura em um antigo vaso romano

Baseio isso na ideia de que a sociedade é essencialmente um fenômeno comunitário. Anteriormente, defini o clã, que é uma forma de sociabilidade. Sociabilidade significa comuna. Comuna primitiva significa clã. Especificamente, em relação ao termo comuna, até onde entendemos, é necessário analisar a ascensão cultural na região da Mesopotâmia e as origens da sociedade suméria — isto é, os fundamentos sobre os quais emergiram o Estado, a cidade, a propriedade e a classe.

Colocar o Estado em primeiro lugar é correto, mas o mesmo se aplica à comuna. Onde, então, entra a sociabilidade? A sociedade é o fundamento. Porque até por volta de 4000 a.C., a forma dominante de desenvolvimento social era o clã. Você também poderia chamá-lo de aşîret¹ ou tribo. Um aşîret é, na verdade, uma união de comunas. A tribo é uma comuna. A família ainda não havia se formado completamente.

O líder da tribo gera o Estado, e os membros da tribo cujos interesses são prejudicados formam a comuna. Esta é, de fato, a verdade. É muito simples. Não fiz nenhuma grande descoberta aqui. Marx chama isso de descoberta científica, mas isso é apenas narrativa. A formação e o desenvolvimento da classe trabalhadora não criaram maravilhas nem grandes descobertas científicas; é uma questão simples. O opressor da tribo torna-se o Estado, o chefe do clã ou quem quer que seja o líder torna-se o governante, e os membros comuns continuam como comuna e, mais tarde, como família. Os que estão no topo formam a dinastia estatal. Os que estão abaixo permanecem como a tribo oprimida — e onde há um Estado, há uma tribo oprimida. É assim que a divisão começa. A afirmação do marxismo de que o proletariado surgiu desta forma ou se desenvolveu daquela me parece um tanto forçada.

O capitalismo surgiu como uma forma de exploração juntamente com sua hegemonia, que se tornou dominante em todo o mundo. Suas raízes remontam à sociedade suméria. Esta é uma história de formação do Estado — o Estado escravista, o Estado feudal, o Estado capitalista. Mas não devemos interpretá-la de forma tão simplista. A questão importante é: onde está a comuna?

No final de sua vida, Marx concentrou-se na Comuna de Paris, onde muitas pessoas que ele conhecia morreram — estima-se que cerca de 17.000 comunardos tenham sido mortos. Em sua memória, ele produziu uma avaliação da Comuna de Paris. Ele abandonou O Capital porque suas previsões sofreram um duro golpe. Na minha opinião, ele experimentou uma ruptura interna e voltou sua atenção para a ideia de comuna. Ele usou o termo comuna mais do que classe. Kropotkin critica Lenin com o argumento “Não destruam os soviéticos” — os soviéticos são essencialmente comunas. Mas Lenin preferia o Estado, e com o programa da NEP, Stalin levou as coisas a extremos terríveis.



Estátua romana de Vénus/Afrodite



Abdullah Öcalan no Vale de Bekaa

Em última análise, a meu ver, essa distinção era de fato válida historicamente: o materialismo histórico não é uma história da luta de classes — ou melhor, não exatamente uma guerra — mas uma história do dilema entre comuna e Estado. Toda a história se resume a isso, especialmente a história escrita. Ela foi estabelecida na Suméria e agora estamos vivenciando seu ápice no Ocidente.

De fato, a comuna é uma grande forma de sociabilidade — o clã, até mesmo a família é uma comuna — mas ela foi enfraquecida e esvaziada. Os municípios foram esvaziados; remanescentes de tribos e clãs permanecem, mas também foram esvaziados.

O conceito de sociedade política moral é outra forma de expressar a comuna — como a comuna se expressa contra o Estado. A linguagem da nova era de paz será política. Defenderemos a liberdade da comuna. Como o nome sugere, estamos abandonando o Estado nacionalista e seus conceitos correlatos, e priorizando, em vez disso, conceitos éticos e políticos baseados na comuna. Chamávamos isso de sociedade moral e política, mas este é o nome da comuna libertadora. Ela é ética e política, nem sequer legal. Claro que haverá leis, que se desenvolverão, como o direito municipal. Queremos que ela se expresse na lei; esta será uma

condição e um princípio para nós. O termo mais científico para isso é liberdade comunitária.

De agora em diante, seremos comunistas. Substituir o conceito de classe pela comuna é muito mais impactante e científico. Os municípios ainda são comunas. Também temos o “kom”. Não há moralidade ou ética? Claro que há. A comuna funcionará mais pela ética do que pela lei. A comuna também é uma democracia. O “político” se expressa através da política democrática. Comuna é um substantivo; ético e político são adjetivos. Comuna é ética e política — um é um substantivo, o outro adjetivos. Chamamos a isso a revisão mais profunda do marxismo. Substituímos o conceito de classe pela comuna.

A crítica de Kropotkin a Lenin está correta. A crítica de Bakunin a Marx também está correta. São incompletas, mas válidas. O marxismo certamente precisa ser criticado nesse ponto. Se Marx tivesse compreendido Bakunin e Lenin tivesse compreendido Kropotkin, o destino do socialismo teria sido muito diferente. Como não conseguiram sintetizar essas ideias, o socialismo real se desenvolveu da maneira como se desenvolveu.

Abdullah Öcalan

[1] Agrupamento de várias tribos ou clãs, sem tradução direta para o inglês.

[2] A palavra curda “kom” pode ser entendida como “grupo” ou “coletividade” e compartilha a mesma raiz protoindo-europeia que a palavra latina “cum”, que é a base de palavras em inglês como “community” (comunidade) ou “commune” (comunidade). É frequentemente usada para descrever uma comunidade ou um conjunto de pessoas que se reúnem ou compartilham uma identidade comum.

SOCIALISMO?

“ Em vez de ver o socialismo apenas como um projeto ou programa para o futuro, é necessário concebê-lo como um modo de vida moral e político que liberta o presente, luta pela igualdade e justiça e possui valor estético. O socialismo é um modo de vida consciente que expressa a verdade. As verdades sociais são o próprio socialismo e, enquanto a sociedade perdurar, ele sempre continuará sendo um modo de vida real. Nesse sentido, a história não é apenas a história da luta de classes, mas também a luta para proteger a sociedade, a liberdade e a igualdade contra o poder hegemônico e o Estado. O socialismo é a história cada vez mais científica dessa luta social. ”

Abdullah Öcalan

Se observarmos toda a história da humanidade, veremos que os seres humanos viveram mais de 97% de sua existência fora da civilização estatal, seja como pequenos clãs de caçadores-coletores ou na forma de sociedades complexas, porém igualitárias.

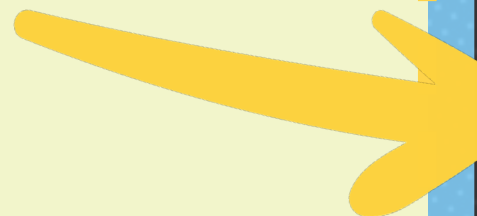
A realidade da sociedade sob o Estado e o capitalismo degenerou-se de tribos centradas na maternidade para massas altamente fragmentadas e sexistas, organizadas em torno do capital. Nesta guerra contínua contra a humanidade, o socialismo tem sido a resposta de defesa da sociedade há milhares de anos. Ao contrário da suposição de que o socialismo é apenas um conceito teórico, nós o utilizamos para descrever as práticas reais da sociedade e os modos de vida comunitários que nunca deixaram de existir desde o início da humanidade. Essa realidade foi perpetuada pela resistência das mulheres, revoltas de escravos, levantes camponeses e a vida livre de comunidades mantidas nas montanhas e desertos.

“O socialismo é um modo de vida consciente que expressa a verdade.” Ele revela o que os sistemas hegemônicos buscam ocultar: o poder, o Estado, a dominação e a exploração nunca foram fenômenos naturais. Considerando que a principal forma de dominação foi desenvolvida contra as mulheres e que as mulheres histo-

ricamente estiveram no centro da construção e defesa de uma sociedade livre, a libertação feminina está no cerne das verdadeiras práticas socialistas. O socialismo é a nossa maneira de insistir em uma vida livre. Ao desenterrarmos nossas raízes de resistência e vida livre, trazemos novas ideias para a sociedade ao presente como flores de esperança recém-despertadas.

Esta edição tem como objetivo tornar o socialismo mais claro para nós. Portanto, perguntamos às pessoas ao nosso redor: “O que é socialismo?” e jovens de Abya Yala, África, Ásia e Europa responderam. Exploramos a ligação entre Jineolojî e o socialismo, bem como a história recente do movimento socialista. Nossos camaradas de Rojava compartilharam suas visões de renovação socialista e a luta das jovens mulheres pela libertação, e uma camarada de Uganda convoca a juventude de seu país a lutar por uma vida livre. Finalmente, também queremos compartilhar com vocês a vida de Şehid Emine Erciyes, que fez de toda a sua existência uma verdade social.

**BOA
LEITURA!**



A chave para o socialismo democrático é a liberdade das mulheres

**Perspectiva
Internacionalista de
Jovens Mulheres
Outono de 2025**

A todas as jovens mulheres do mundo,

Inciamos esta perspectiva homenageando o grande esforço que muitas mulheres ao longo da nossa história fizeram para que pudéssemos viver e continuar a luta pela libertação, liberdade e justiça social das mulheres. As mulheres que se tornaram mártires na luta pela libertação feminina dedicaram suas vidas à causa socialista, à construção de uma sociedade livre e igualitária para todos nós. Dedicamos esta perspectiva sobre o socialismo a elas.

Em primeiro lugar, este mês marca o início da conspiração internacional contra Abdullah Öcalan. No dia 9 de outubro, há vinte e sete anos, Öcalan, sob enorme pressão política, foi forçado a deixar a Síria e viajou para a Europa a fim de evitar um conflito militar na região e proteger o Movimento de Libertação Curdo. Assim, ele iniciou sua longa jornada pela Grécia, Itália e Rússia em busca de uma aliança política dentro da comunidade internacional. No dia 15 de fevereiro de 1999, ele foi capturado pelos serviços secretos de Israel e dos Estados Unidos no Quênia e levado em isolamento para a ilha-

-prisão de Imrali, na Turquia. Esse ataque, do qual participaram todas as potências imperialistas, visava especialmente derrotar a resistência dos povos do Oriente Médio contra o imperialismo e destruir a luta por um novo sistema mundial baseado no paradigma da libertação feminina, da ecologia social e da democracia. Desde então, Israel, os Estados Unidos da América, a Turquia, a Grã-Bretanha e todos os outros membros da OTAN têm continuado suas tentativas brutais de silenciar a resistência do povo curdo e de todos os outros povos que vivem na região. Especialmente agora, com o genocídio na Palestina, os ataques contra o Líbano, a guerra no Irã e o conflito violento e a crise na Síria e no Curdistão, voltamos a chamar a atenção para Abdullah Öcalan e para a necessidade de sua libertação física, a fim de cessar a guerra e alcançar uma solução política no Oriente Médio.

DIRIGIMOS ESTA PERSPECTIVA A VOCÊS.

Pode ser que, enquanto você lê esta perspectiva, esteja no carro ouvindo música, e cada canção fale sobre mulheres como troféus ou propriedades, como objetos a serem possuídos com dinheiro e armas,

ou talvez se refiram a nós simplesmente como desejos sexuais destinados a preencher o profundo vazio que o sistema cria nos seres humanos. Ou talvez você esteja caminhando na rua a caminho de encontrar amigos ou da escola, e em cada esquina haja um anúncio com uma mulher, na maioria das vezes seminua, fotografada ao lado de algum produto de limpeza doméstica, comida, carros ou qualquer tipo de mercadoria que possa ser vendida no mercado. Ou digamos que você esteja voltando para casa depois de uma noite agradável com seus amigos e, a cada passo, espere não encontrar nenhum homem no caminho, para não ter que atravessar a rua correndo, ou pegar as chaves de casa na mão, pronta para se defender, e prender a respiração até que ele vá embora. Ou talvez, enquanto você lê esta perspectiva, não esteja em nenhuma dessas situações, mas sabe que passará por elas amanhã, porque essa é a realidade em que nós, mulheres, somos forçadas a viver diariamente pelo sistema capitalista sexista. Portanto, dirigimos esta perspectiva a você, esteja você no trabalho, na escola ou na universidade, ou em nenhuma dessas situações. Talvez você esteja começando um novo ano de estudos, talvez em

economia ou artes, ciências sociais ou física. Ou, por outro lado, talvez você não tenha tido outra escolha a não ser trabalhar. Talvez como garçoneiro em um restaurante, ou como cuidadora, ou no setor de logística de alguma empresa que não oferece segurança no emprego e a deixa em condições precárias e incertas. Sem mencionar o salário, que, se você tiver sorte, receberá no final do mês e, de qualquer forma, sempre lhe deixará com a sensação de que seu tempo e esforço valerem mais. Seja você de uma família que espera que você tenha um homem ao seu lado e que tenta convencê-la de que basta esperar pelo homem certo, que espera que você se esforce para amar um homem, que mude quem você é por um homem, seja qual for a sua situação, dirigimos esta perspectiva a todas vocês; a todas as jovens mulheres que resistem e lutam, de muitas maneiras diferentes, pela libertação de todas nós.

Neste momento da sua vida, você pode se perguntar: “Quem eu me tornarei?” ou, talvez ainda mais importante, “O que eu farei?”. Queremos tentar responder a essas perguntas nas próximas linhas.

Sobre o socialismo democrático.

Nós, mulheres jovens, nos encontramos em uma situação dramática. Diante dos ataques sistêmicos que sofremos diariamente, a solução para nós não pode ser outra senão a construção de um novo sistema mundial que rejeite radicalmente as regras sexistas e se concentre na liberdade de toda a sociedade, com base na liberdade da mulher. Chamamos esse sistema de sistema socialista. Quando nos referimos ao socialismo aqui,

não nos referimos a um sistema de dominação ou a um futuro utópico impossível; isso nada tem a ver com a realidade do socialismo democrático desenvolvido por Abdullah Öcalan. O socialismo democrático não é uma construção imposta à sociedade de cima para baixo, nem um conceito alienado da natureza social dos seres humanos. É um modo de vida concreto baseado na liberdade, na comunidade e na diversidade. Contrasta ao capitalismo, que se baseia na exploração e na violência, e também ao liberalismo, que se concentra na liberdade individual e ilusória. Na concepção socialista, tanto o indivíduo quanto o coletivo desempenham um papel na sociedade e estão em equilíbrio orgânico um

com o outro. O socialismo democrático é de importância central, especialmente para nós, mulheres jovens, porque está intrinsecamente ligado à nossa história e faz parte da nossa identidade.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Em meados do século XIX, a obra de Karl Marx e Friedrich Engels levou ao desenvolvimento de uma nova forma de socialismo chamada socialismo científico. Eles compreenderam a realidade da sociedade, tanto no presente quanto na história, em termos da luta entre classes com interesses opostos: o proletariado e a burguesia, a classe trabalhadora e a classe proprietária.



ria. Suas análises e propostas focaram na situação material da sociedade, em particular nas relações de produção. Essas ideias foram inovadoras e levaram a avanços historicamente significativos. Mas a solução baseada nas ideias de Marx apenas arranhou a superfície e nunca conseguiu resolver de fato a contradição social fundamental. Na realidade, a opressão das mulheres não foi destruída nem resolvida no socialismo científico. Sim, em experiências socialistas ao redor do mundo, a situação das mulheres melhorou, o direito ao aborto foi introduzido, mas até mesmo os revolucionários russos estavam cientes do problema: as relações entre homens e mulheres eram tão sexistas que minavam a consciência de classe. Naquela época, a consciência de classe era vista como a base da luta comum; a história nos mostrou que isso não resolve a raiz do problema.

Como Alexandra Kollontai analisou: “Os interesses da classe trabalhadora exigem que novas relações de camaradagem e igualdade sejam estabelecidas entre os membros da classe trabalhadora, trabalhadores e trabalhadoras. [Por exemplo,] a prostituição impede isso. Um homem que comprou o afeto de uma mulher jamais poderá vê-la como uma ‘camarada’. Conclui-se que a prostituição destrói o desenvolvimento e o crescimento da solidariedade entre os membros da classe trabalhadora e, portanto, a nova moral comunista só pode condenar a prostituição.”¹

Alexandra Kollontai, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo deram passos

importantes. Elas se aproximaram da verdade do socialismo. Além da contradição de classes, elas compreendiam a relação entre os gêneros como o principal problema. Ao fazer isso, sempre encontravam resistência da mentalidade masculina dominante. Antes da Revolução de Outubro na Rússia, as mulheres eram vistas como apêndices dos homens, não como personalidades revolucionárias, embora fossem a força motriz da sociedade. Por exemplo, a greve das mulheres que reivindicavam pão no Dia Internacional da Mulher, em 1917, em São Petersburgo, foi o ponto de partida da Revolução de Outubro, e foram as mulheres que se tornaram a força motriz da Revolução Russa.

Os movimentos feministas das décadas de 1960 e 1970 também deram passos significativos sobre o tema. Já naquela época, conseguiram disseminar na sociedade a ideia de que “o pessoal é político”. Tudo o que vivenciamos, toda injustiça, toda opressão e violência não é apenas algo individual ou ocasional, mas a mesma injustiça é vivenciada por milhares de jovens mulheres todos os dias.

COMO CONSTRUIR O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO?

Abdullah Öcalan escreve em sua carta de 8 de março de 2025:

“A menos que a cultura do estupro seja superada, a realidade social não poderá ser revelada nos campos da filosofia, da ciência, da estética, da ética e da religião. Como o marxismo demonstra, a conquista do socialismo não será possível a

menos que a nova era destrua a cultura patriarcal profundamente enraizada na sociedade. O socialismo pode ser alcançado através da libertação das mulheres. Não se pode ser socialista sem a liberdade das mulheres. Não pode haver socialismo. Não se pode buscar o socialismo sem democracia.”¹

As conclusões a que Öcalan chegou hoje comprovam o que muitas mulheres revolucionárias tentaram explicar nos séculos passados. O problema social que Alexandra Kollontai trouxe à luz há um século, em relação à prostituição, atingiu hoje todos os níveis e campos da sociedade em sua forma mais brutal. É especialmente na era da mídia digital e do capitalismo financeiro que as jovens são hiperestetizadas e hipersexualizadas. Somos constantemente levadas a nos conformar ou a responder a normas estéticas e sociais baseadas no sexismo e na cultura do estupro. Por essa razão, o primeiro passo para construir o socialismo democrático é cultivar em nós mesmas uma forte personalidade socialista, capaz de criar ao seu redor uma sociedade organizada por meio da formação de comunas, cooperativas, conselhos e qualquer outra forma de organização autônoma que rejeite firmemente o sexismo. Insistir nos valores morais da humanidade é, ao mesmo tempo, criar uma cultura democrática e socialista, e nós, mulheres jovens, carregamos esses valores com particular intensidade. Esses princípios, porém, não se aplicam apenas a nós, mulheres; na verdade, são de fundamental importância também para os homens. Como disse Öcalan: “Um homem

[1] Alexandra Kollontai, *Carta à Juventude Trabalhadora*, 1922.

[2] Abdullah Öcalan, *Carta de 8 de março de 2025*.

[3] Abdullah Öcalan, *Carta à Academia Jineoloji*.

A comuna é sociedade, e a sociabilidade é socialismo.

só pode se chamar socialista se for capaz de conviver adequadamente com as mulheres.”³

Mencionamos a comuna como uma forma de organização social, mas ela não se limita a isso; desempenha um papel central na construção do socialismo democrático. No início do século XIX, pesquisas arqueológicas fizeram novas descobertas sobre a origem das sociedades e sistemas democráticos. Naquela época, Marx e Engels ainda não haviam incorporado essas descobertas em suas teorias sobre socialismo e comunismo. Eles próprios reconheceram isso.³ Foi somente mais tarde que os insights obtidos com a Comuna de Paris de 1871 e as pesquisas arqueológicas, que lançaram luz sobre a vida comunitária na época da sociedade natural, deixaram claro

para a humanidade que a comuna é um princípio fundamental para a compreensão da história democrática. No final de sua vida, Marx também compreendeu isso. A comuna é a forma mais natural e fundamental de organização da sociedade socialista democrática. Ela pode existir como uma comuna juvenil, ou mesmo uma comuna infantil, uma comuna de bairro feminina ou uma comuna estudantil. Dentro da comuna, cada parte da sociedade pode se politizar e, assim, desenvolver a capacidade de se organizar autonomamente, tomar decisões e desenvolver um sistema de vida baseado nas necessidades de cada grupo ou comunidade. Além disso, pode desenvolver a capacidade de se defender de ataques físicos, psicológicos, econômicos e de qualquer tipo perpetrados pelo Estado e pelo sistema.

AGORA, A PERGUNTA É NOSSA: O QUE PODEMOS FAZER?

Para nós, jovens mulheres, a comuna também é a primeira estrutura na qual podemos nos organizar. Ou seja, na qual podemos nos tornar nós mesmas, descobrir nossa identidade, construir irmandade, apoiar umas às outras, criar os fundamentos para um sistema socialista democrático e, mais importante, nos defender. Se quisermos nos tornar socialistas e construir a saída da crise mundial, precisamos nos pensar como uma unidade, como uma comuna; isso significa que precisamos nos enxergar como uma só. Quando uma mulher não acredita em si mesma, ou não se vê como valiosa, também é nossa responsabilidade construir essa confiança junto com ela. Quando uma mulher luta com a questão de se tem



Arte do artista malgaxe Dwa

força ou coragem suficiente para ser revolucionária, precisamos nos enxergar nessa questão e, juntas, superar qualquer medo ou obstáculo. Quando uma mulher é assediada por um homem na rua, ou enfrenta violência doméstica em casa ou no trabalho, devemos sentir essa violência como se fosse contra nós mesmas. Agora sabemos que, quando atacam uma de nós, atacam a identidade da mulher como um todo e, portanto, atacam to-

das nós. E assim, da próxima vez que ouvirmos uma música sexista no rádio ou virmos um anúncio na rua que nos retrate como um objeto para vender no mercado, podemos encontrar em nós mesmas e em nossas irmãs a força para rejeitar essa cultura, rejeitar esse sistema; mudar a estação de rádio, destruir esse anúncio e organizar, junto com outras jovens mulheres, nosso próprio sistema, nossa própria autode-



“O revolucionário deve mover-se entre as massas como um peixe na água”

Mao Ze-Dong

fesa. O mundo está mudando, a juventude está se levantando em todos os lugares e não estamos mais sozinhas. Existe toda uma organização de mulheres que nos apoia e está pronta para lutar ao nosso lado pela construção de uma sociedade livre baseada no socialismo democrático.

Da próxima vez que nos perguntarmos “Quem se-rei?”, teremos todas as ferramentas necessárias para dar a resposta certa a nós mesmos. Como disse Fred Hampton, líder revolucionário do Partido dos Panteras Negras: : **“Se você tem medo do socialismo, então você tem medo de si mesmo”.**



O QUE É SOCIALISMO?

JOVENS DO MUNDO TODO RESPONDEM!

Quando começamos a trabalhar nesta nova edição, enviamos um pedido a todos os nossos amigos ao redor do mundo que participam da rede Lêgerin para que realizassem entrevistas com jovens, fazendo-lhes estas duas perguntas: O que o socialismo significa para você? Como você definiria a vida comunitária?

Recebemos muitas respostas e compartilhamos algumas delas aqui. Você pode encontrar um artigo completo com todas as respostas em nosso site. Esperamos que, ao ler estas respostas, você também possa se fazer as mesmas perguntas e fazer as mesmas perguntas às pessoas ao seu redor.



Anna - Alemanha

« Acho que o socialismo é uma questão de ideais puros e de colocá-los em prática. »

« A soberania do povo sobre a terra e a natureza, capaz de se libertar dos sistemas opressivos do capitalismo e do imperialismo. »

« Para mim, socialismo significa entrar em contato com muitas pessoas da sua própria sociedade e conversar com elas sobre os problemas existentes e encontrar soluções em conjunto. Significa tirá-las do individualismo e promover uma atividade dentro de nós mesmos e nos outros para participar da vida, querendo mudar as coisas e decidir por nós mesmos, não deixar que nossas vidas sejam organizadas de cima para baixo. Reconhecer nossas necessidades e tomá-las em nossas próprias mãos. E também lutar contra a guerra e o sistema dominado. »



Ernesto - Itália

« O socialismo é um modo de produção em que as próprias pessoas, as pessoas que realmente trabalham, desfrutam dos frutos do seu trabalho. Que as pessoas controlem os recursos existentes na sua sociedade e que elas próprias se apropriem do produto do seu trabalho. »



Lewis Maghanga - Quênia



Anita - Papua Ocidental

« O socialismo é uma luz de esperança, ele escuta quando alguém não consegue falar, quando uma voz tenta gritar, mas o silêncio é mais alto. O socialismo sente as pequenas coisas, vê as dores invisíveis e carrega as almas dos corpos que perdemos em nossa jornada para mudar o mundo, dando-nos a força para seguir nossos corações e nossos caminhos até que todos sejam livres. »



Tathiana - Brasil



Okakah Onyango - Quênia

« Para mim, vida comunitária significa um espaço sereno, um espaço cheio de vida, um espaço onde posso encontrar meus amigos, colegas e familiares. Um espaço onde podemos ser seres humanos. Para mim, é por isso que lutamos. »

« Cresci religiosa, mas não estritamente. O Islã me impactou nesse sentido, a construir a comunhão, frequentando a mesquita, cuidando de todos e tendo um olhar atento para todas as pessoas, amigos e irmãs. Conhecer esses valores desde o início teve um grande impacto. Estou muito feliz por isso e tento demonstrar comunhão às outras pessoas no meu dia a dia, não apenas em contextos religiosos, mas em todos os aspectos comunitários da vida. »



Jasmin - Alemanha

« É a prática da solidariedade: compartilhar, cuidar e lutar juntos. É entender que ninguém se liberta sozinho; somente através da ação coletiva é possível transformar o mundo. »



Dur Bibi - Baluchistão

« A vida comunitária funde o igualitarismo tribal com a práxis revolucionária, criando espaços contra-hegemônicos para a propriedade coletiva e a consciência anti-imperialista. »



Mel - Brasil

« Discutimos muito sobre como construir um comunalismo que possa ser uma nova forma de entender nossa luta e, talvez, uma forma de construirmos nossa vida juntos. Talvez, no movimento de esquerda, a construção de uma vida em comum não tenha sido algo em que as pessoas se concentraram muito. E nossa tarefa hoje e no futuro é fortalecer nossa capacidade de construir uma vida juntos e também com a sociedade. De sermos parte da sociedade. »



Ainoa Gallardo - Países Catalães

« Se não nos revoltamos agora, é porque não temos consciência da verdadeira falta de comunidade que existe. Antigamente, você conseguia ver quem era o chefe na fábrica e como ele vivia, e depois via as terríveis condições de trabalho e de vida, o que dava vontade de se revoltar e promover mudanças. Agora é diferente. »



Fabio - Itália

O QUE É A VIDA COMUNITÁRIA?





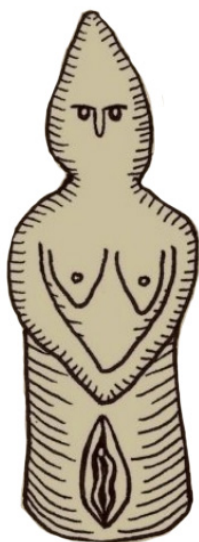
AS RAÍZES DO SOCIALISMO NA CULTURA DA MÃE

Sina Wegner, Grupo de Pesquisa Comunitária de Jineolojî na Alemanha

O socialismo é tão antigo quanto a história da humanidade”, escreve Abdullah Öcalan em uma carta de 1º de maio de 2000. Em seu novo manifesto (2025), ele aprofunda essa hipótese, afirmando que a comuna é o elemento fundador do socialismo e o clã neolítico é a primeira comuna. Desenvolve-se em torno das mães e é marcado por uma cultura da maternidade. Este é o início da sociedade, o início da longa tradição da vida comunitária. **É o início da contradição entre a comuna e o Estado, que emerge com o surgimento das primeiras estruturas hierárquicas.** Portanto, podemos entender todas as formas de vida comunitárias e auto-organizadas e a resistência que as originou como pertencentes a uma mesma linha: a tradição do socialismo.

As lutas das sociedades indígenas que se defenderam contra o colonialismo; O modo de vida das comunidades religiosas libertárias ou a transmissão secreta de conhecimento ancestral por mulheres queimadas como bruxas por isso – neles podemos

ver elementos da resistência inabalável da vida comunitária. Embora o termo “socialismo” tenha apenas 300 anos, podemos pesquisar suas raízes até os primeiros humanos na Terra.

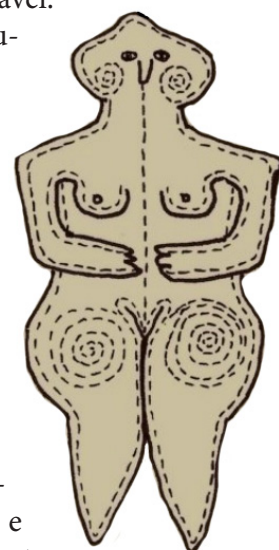


Podemos olhar para o início da nossa existência, para as primeiras formas de sociedade e para a questão da nossa natureza. Há muitas afirmações e especulações sobre isso. Teorias como a de Thomas Hobbes, de que o estado de natureza é uma guerra de todos contra todos, defendiam que os humanos não po-

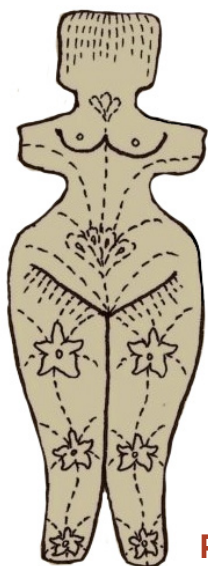
dem viver em paz sem um Estado que os domine, os oprima e os controle. A imagem da superioridade natural do homem sobre a mulher, defendida na filosofia e nas ciências há milhares de anos, ainda é influente hoje. Precisamos combater isso!

OS SERES HUMANOS SÃO ANIMAIS SOCIAIS.

Mas se observarmos as pesquisas mais recentes, uma coisa fica clara: os seres humanos são, em essência, seres sociais. Para sobreviver, vivemos em grupos desde o princípio. A convivência era caracterizada pela cooperação e apoio mútuo. As descobertas na caverna de Shanidar, no Curdistão do Sul, mostram, por exemplo, que já entre os neandertais não apenas os mais fortes sobreviviam, mas também os membros doentes e deficientes do grupo recebiam cuidados. Na consciência dos primeiros humanos, a abordagem individualista que pregava o “cuide apenas de si”, impulsionada pelo capitalismo neoliberal, era impensável. Foram as habilidades sociais e comunicativas, como empatia, cuidado e cooperação, que tornaram nossos ancestrais capazes de sobreviver. Há cerca de 100.000 anos, as primeiras culturas mais complexas deram origem ao Homo sapiens – a espécie humana que somos hoje – na África. Quando chegaram à Europa, há cerca de 40.000 anos, já esculpiam flautas e estatuetas, entalhavam e desenhavam símbolos em paredes rochosas, imortalizavam-se com impressões de mãos e produziam roupas e joias. Grande parte disso girava em torno dos temas da vida, fertilidade e morte.



A capacidade aparentemente mágica das mães de gerar nova vida deve ter causado grande impacto nelas. Há 35.000 anos, isso se reflete na multiplicidade de símbolos femininos, como vulvas e corpos nus de mulheres com seios, quadris e barrigas bem



formados. Essas chamadas “Vênus”, encontradas em diversos continentes ao longo de dezenas de milhares de anos, suscitaram muita discussão e interpretação. É claro que, inicialmente, os pesquisadores do sexo masculino as viam como objetos sexuais. Hoje, elas são compreendidas como símbolos que provavelmente desempenharam um papel importante na espiritualidade humana.

A CULTURA DA MÃE E A PRIMEIRA COMUNIDADE

A relação mãe-filho é a primeira na vida de cada pessoa. Para dar à luz e cuidar de uma criança, é necessário um grupo que a acolha. Portanto, é natural que os primeiros grupos humanos também se tenham desenvolvido em torno das mães. As mulheres eram o centro das primeiras comunidades. Enquanto algumas caçavam, outras cuidavam do fogo, inventavam técnicas para processar matérias-primas, transmitiam os seus valores e cultura às crianças, reuniam conhecimentos sobre plantas, estrelas, parto, o corpo e saúde. Contavam histórias umas às outras à volta da fogueira noturna. O conceito de paternidade só surgiu na consciência humana muito mais tarde. No entanto, as relações familiares baseadas na linha materna eram evidentes. Cada criança sabia quem era a sua mãe, a mãe da sua mãe, os seus irmãos e os tios e tias por parte de mãe. Assim, a primeira organização social também se orientava para as mães.

O conceito da relação mãe-filho também se aplica à relação dos humanos com a natureza. Até hoje, esta é chamada de “Mãe Natureza” em muitos lugares. A cultura materna, que presumimos ser a primeira cultura humana, caracteriza-se pelos princípios do cuidado, da troca mútua e do amor. Como cultura, não se limita à maternidade biológica, mas é vivenciada por todos os membros da comunidade.

Criar, cuidar, nutrir, amar, proteger, defender e alimentar são os valores fundamentais que sustentam uma comunidade. Eles permitiram que nossos ancestrais, na sociedade clânica, sobrevivessem por milhares de séculos. Podemos entender seu modo de vida libertário, igualitário e coletivo como a primeira forma de comuna socialista.

Em todas as sociedades subsequentes que emergiram dessa, mesmo após a ascensão das estruturas estatais há pelo menos 5.000 anos, nas quais o homem gradualmente começou a dominar a mulher, ainda podemos reconhecer a cultura materna e sua defesa pelas mulheres.

Apesar das condições de opressão e escravidão, as mulheres conseguiram transmitir seus princípios de vida. A caça às bruxas no início da era moderna representa uma ruptura decisiva na Europa. Ao atacar a autonomia das mulheres, a transferência de conhecimento e os relacionamentos, a espinha dorsal da sociedade foi quebrada e o novo modo de vida capitalista pôde ser imposto a ela.



EM DIREÇÃO AO SOCIALISMO COMUNITÁRIO

Hoje, precisamos encontrar nosso caminho em um mundo onde a violência doméstica substituiu o amor. A maternidade se tornou um fardo atrelado a muitas dificuldades. Em vez de cuidarmos umas das outras, espera-se que busquemos sempre nossa própria vantagem, compitamos umas com as outras e trabalhemos até a exaustão em benefício dos outros. Em vez de tratarmos a Mãe Natureza com respeito, nossos ambientes de vida estão sendo cada vez mais destruídos. Em um processo que se estende por milhares de anos, a

cultura da mãe está sendo cada vez mais suprimida e destruída pela contrarrevolução patriarcal.

Para combater tudo isso e reconstruir um modo de vida comunitário, exploramos, por meio da genealogia, nossa história como mulheres, a tradição da vida comunitária e os valores da maternidade dentro dela. Assim, estamos lançando as bases para a construção de um novo socialismo comunitário. As histórias de deusas de tempos pré-patriarcais podem nos inspirar tanto quanto as histórias de resistência dos últimos cinco mil anos. Podemos aprender com os modos de vida matriarcais que ainda são praticados hoje e observar nossas próprias biografias e histórias de movimentos. Podemos aprender com mães, avós e jovens mulheres ao redor do mundo que acolhem todos os convidados em suas casas, que se colocam destemidamente diante de tanques que invadem suas aldeias e que plantam calmamente sementes em seus jardins que soldados querem transformar em campos de batalha. Devemos olhar para o futuro e ter coragem para encontrar novos caminhos, porque ninguém definiu as formas para o que queremos criar.

Para sermos vanguarda nesse processo como jovens mulheres, também precisamos mergulhar fundo em nós mesmas para encontrar vestígios da cultura da mãe e as influências da mentalidade patriarcal do Estado. Devemos trabalhar juntas para fortalecer nossas personalidades, nossa conexão com a sociedade e a natureza, nossa capacidade de pensar livremente e expressar nossa vontade. Devemos nos organizar, estar cientes da luta em que estamos inseridas e expressar e viver os valores que possibilitam uma vida livre e comunitária à nossa maneira.

Neste momento em que nos encontramos, muitas coisas parecem estar mudando rapidamente. Grandes oportunidades estão surgindo e grandes riscos se apresentam. Há guerra em tantos lugares e em tantos níveis. E, ao mesmo tempo, tantas coisas belas e esperançosas estão emergindo. Sentimos a empolgação que já fez tantos corações palpitar antes de nós. Fazemos parte de uma nova fase de uma luta muito longa e ancestral. Seguimos os passos das primeiras mulheres que criaram a sociedade, daquelas que se defenderam dos primeiros ataques do patriarcado, daquelas que, aprisionadas dentro dos muros do sistema, não se esqueceram de seus valores. daquelas que se ergueram nas barricadas por elas e daquelas que deram suas vidas na luta.

Para que seus sonhos se tornem realidade e para conquistarmos uma vida livre para as gerações futuras, precisamos conhecer suas histórias e manter viva em nós a sua esperança. Nesse sentido, uma exploração mais profunda do significado da cultura da mãe na vida comunitária pode nos guiar.



“Estatuetas matriarcais” e “Deusa da oliveira” por Ayshe Mira Yashin

SOCIALISMO

UM OLHAR PARA O PASSADO PARA CONSTRUIR O NOSSO FUTURO



A ideia e a prática do socialismo estão hoje sob ataque em todas as frentes.

Discutir e aprender a história do socialismo é difícil. Por um lado, a hegemonia cultural liberal procura impedir-nos de o fazer, retratando os socialistas como monstros e ocultando ou atacando diretamente e removendo ideias e práticas socialistas dos espaços públicos. Por outro lado, existe a história oficial do socialismo real, que, com grande ausência de autocritica, procura sempre atribuir a culpa pelos seus fracassos e erros a fatores externos.

*"Se não conseguirmos interpretar corretamente o passado, não conseguiremos compreender o presente, e sem compreender o presente não conseguiremos compreender o futuro."*¹

Compreender o contexto, as ideias que impulsionaram o socialismo, sem cair nas tendências descritas acima, é importante para o nosso presente e para o nosso futuro.

Quais são as ideias e as experiências que deram origem ao movimento socialista organizado dos séculos XIX e XX? Quais foram as principais contradições que levaram a divisões e cisões dentro desse movi-

mento? O que, em última análise, levou ao fracasso das expressões internacionais do socialismo?

Quando falamos de socialismo, falamos da herança da sociedade histórica e de sua resistência aos ataques. Essa herança é a expressão da vida e da luta da vasta maioria dos seres humanos ao longo da história: desde a primeira sociedade, formada em torno das mulheres como meio de autodefesa e sobrevivência, que definiu a capacidade de criação do ser humano, até as expressões desse modo de vida nos últimos milhares de anos nas lutas de mulheres, jovens, culturais e operárias. O socialismo não é um conceito dos últimos 200 anos, mas permeia toda a história da humanidade.

AS REVOLUÇÕES NACIONAIS

O ano de 1848 desempenha um papel crucial na transformação do que se chamava de "antigos regimes". Foi um processo que desafiou o poder das monarquias em favor das massas populares. Levantes apoiados por amplos setores da sociedade ocorreram em diversas regiões da Europa, impulsionados pela onda de consciência nacional, e levaram, em diferentes graus, à adoção de constituições que regulamentavam a participação políti-

ca nas monarquias da época. Esses levantes ficaram conhecidos como Primavera dos Povos.

Embora Marx e Engels posteriormente tenham descrito essas revoluções como revoluções burguesas, e os marxistas as tenham considerado etapas necessárias para o estabelecimento do socialismo, havia uma grande esperança presente nesses movimentos, que testemunharam o surgimento de muitas organizações e revoltas. Não é coincidência que tenha sido nesse período, em 1847, que a Liga Comunista foi fundada e que, em fevereiro de 1848, o Manifesto do Partido Comunista foi publicado. Na época, a resposta mais comum para a questão de por que essas revoluções fracassaram estava relacionada à organização e à consciência dos oprimidos.

A LIGA COMUNISTA, MARX E ENGELS

A Liga Comunista foi fundada em Londres em 1847. A Liga baseava-se em um princípio claro de intenção: representar a luta do proletariado pela libertação. Uma classe que nem sempre existiu, mas que foi resultado da revolução industrial do século XVIII. A Liga logo foi infiltrada e levada a julgamento em Colônia, resultando em sua dissolução.

No entanto, o Manifesto Comunista seria um texto decisivo para os séculos seguintes, e vários membros da Liga, incluindo Marx e Engels, continuariam a trabalhar e a expandir os objetivos definidos no Manifesto.

Marx concentrou-se no estudo da nova “economia política” inglesa para desenvolver uma crítica a ela, que tomou a forma de sua famosa obra “O Capital”. Öcalan critica Marx e o marxismo por seu reducionismo econômico excessivo. Devido ao foco excessivo e quase exclusivo no funcionamento da exploração econômica, não foi possível alcançar uma visão mais ampla dos problemas sociais e políticos na análise. Isso levou, posteriormente, por meio de interpretações da obra de Marx, a uma prática do socialismo baseada no Estado-nação e no industrialismo, que, na análise de Öcalan, são dois dos pilares da

modernidade capitalista e não podem ser a base do socialismo.

AS DISCUSSÕES NAS INTERNACIONAIS

A Primeira Internacional, fundada em 1864, foi uma união de movimentos, organizações e pensadores que se concentravam na questão do trabalho. Nas discussões internas da Primeira Internacional, a questão do Estado-nação era central. O tema dessa contradição, que começou como uma discussão sobre os passos a serem dados na luta, girava em torno de duas abordagens diferentes. A abordagem “classe contra classe”, predominantemente proposta pelos comunistas, consistia em uma visão da história como a luta entre classes e considerava o caminho para o socialismo como a libertação do proletariado, a classe oprimida, por meio da conquista do poder e da tomada dos

meios de produção (principalmente as fábricas) das mãos da burguesia, a classe opressora. O lado oposto do debate era a abordagem “Estado contra povos oprimidos”, defendida pelos anarquistas. Esta via o caminho para o socialismo como a organização autônoma dos povos oprimidos com a recusa e a abolição do poder e do Estado, que existem apenas como estruturas opressoras. A Segunda Internacional foi fundada em 1889 como uma coordenação de organizações para desenvolver, pelo menos, estratégias e táticas coordenadas, bem como políticas comuns. Era ideologicamente dominada pelo marxismo, embora com algumas divergências internas que levaram a conflitos. Um dos principais conflitos foi entre marxistas e possibilistas, que defendiam uma linha de reforma progressiva do Estado rumo ao socialismo, em vez da conquista do Estado por meio da revolução, como proposto pelos marxistas.

A Segunda Internacional dissolveu-se com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Embora a Internacional fosse uma organização com o objetivo de superar as fronteiras dos Estados-nação, também era composta por partidos nacionais que se baseavam nessas fronteiras.

Apesar das tentativas de construir um movimento anti-guerra, com importantes contribuições de análises sobre o imperialismo, o clima de crescente confronto na Europa naquela época também dividiu a Internacional. Formaram-se seções em apoio à Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia) e seções em apoio à Aliança (Alemanha e Áustria-Hungria). Essas estratégias dependiam da posição do Estado-nação em questão e baseavam-se na lógica de “primeiro vencemos a guerra, depois construímos o socialismo”. Algumas



“Mulheres preparando o campo de arroz na lama” Herbert Geddes

forças dentro da Internacional, por outro lado, formaram o movimento Zimmerwald, dando continuidade às tentativas feitas nos anos anteriores de construir um movimento mais amplo contra a guerra. Mais uma vez, a razão por trás da dissolução da Segunda Internacional reside no fato de que as organizações que participavam da Internacional eram, em última análise, estruturadas e fortemente influenciadas por valores estatistas-nacionais, e a questão não foi abordada até que fosse tarde demais.

É notável, nessa fase, o fato de que a organização feminina fundada no âmbito da Segunda Internacional, o “Conselho Internacional de Mulheres das Organizações Socialistas e Trabalhistas”, não se dissolveu e continuou a se reunir mesmo durante a Primeira Guerra Mundial, demonstrando uma abordagem diferente e uma base mais radical nas mulheres socialistas do que na estrutura geral, e afirmando o papel coletivo da liderança feminina na luta.

DOS SOVIETES À REVOLUÇÃO INTERNACIONAL

A experiência do movimento Zimmerwald também representou o claro ponto de ruptura entre os socialistas revolucionários, liderados pelos bolcheviques, e os socialistas reformistas. Foi através dessa contradição, na esteira da Revolução de Outubro e das Teses de Abril de Lenin, que a Terceira Internacional, a Comintern, foi formada em 1919. Os bolcheviques desenvolveram uma perspectiva internacional, em primeiro lugar, para romper o isolamento da revolução soviética.

Na primeira fase, até a morte de Lenin, o objetivo era levar a Revolução de Outubro para a Europa, com várias tentativas fracassadas, fortalecendo a linha contra os partidos socialistas reformistas. Nesses anos, diferentes partidos comunistas foram formados na Europa a partir de dissidências de partidos socialistas, por exemplo, na França, Espanha, Itália e Bélgica.

Após a morte de Lenin em 1924, a ascensão de Stalin ao poder significou a adoção da teoria do “socialismo em um só país”. Nessa linha, os Partidos Comunistas tornaram-se a expressão da União Soviética em diferentes países e a ela se vincularam concretamente, levando a uma crise à medida que a desintegração gradual da União Soviética ocorria. A Internacional Comunista foi dissolvida em 1943, como resultado de um acordo entre Stalin e os Aliados na Segunda Guerra Mundial: se ainda não estava claro, por meio desse ato, a busca por uma revolução internacional foi definitivamente abandonada. A questão da centralização, novamente relacionada à mentalidade estatal, é fundamental para compreender o fracasso da Terceira Internacional.

A queda da União Soviética, assim como os resultados limitados de diferentes experiências socialistas, não se devem a fatores externos ou a eventos históricos fora de seu controle. A experiência do Socialismo Real mostrou que qualquer um que queira insistir no socialismo hoje deve abordar as questões do Estado-nação e do industrialismo da maneira correta. Caso contrário, qualquer luta em nome do socialismo resultará em um regime dogmático e homogêneo de controle sobre a sociedade, muito distante

de seus valores originais. Inevitavelmente, reproduzirá aquilo contra o que se pretendia lutar.

ALÉM DA UNIÃO SOVIÉTICA

A história do socialismo no século XX não foi determinada apenas pelas experiências da União Soviética. Muitos movimentos buscaram construir uma perspectiva socialista que superasse os problemas e as abordagens opressivas observadas nas experiências soviéticas.

Em todo o mundo, novos horizontes se abriram, como os abertos pela resistência no Vietnã, por Che Guevara em Abya Yala ou por Amílcar Cabral na África. Com base no socialismo, a resistência contra os colonizadores nos países colonizados assumiu uma nova forma organizada, e novas tentativas de movimentos de libertação nacional foram empreendidas. Isso também se aplicou aos movimentos de libertação de diferentes “nações”, como o movimento de libertação negra ou o movimento de libertação feminina.

O legado dessas lutas explodiu na Revolução Cultural da Juventude de 1968. Em todo o mundo, diante da violência do sistema colonial, patriarcal e estatal, a juventude se insurgiu por meio de ocupações, manifestações e novas organizações. 1968, em sua essência, foi a iniciativa da juventude, das mulheres, dos trabalhadores e dos povos oprimidos. O movimento de 1968 representou uma faísca que acendeu novas chamas: dos movimentos feministas e de libertação das mulheres aos movimentos ecológicos, passando pelos movimentos contra a guerra, uma nova força vital fluiu para a sociedade.

Com os campos de refugiados palestinos no sul do Líbano como um centro internacional, novos movimentos foram construídos no espírito dessa Revolução da Juventude. Esses movimentos lutaram contra as divisões internas e externas à sociedade, bem como entre si em nível global, deixando questões como liderança e uma estratégia comum sem resposta.

Isso levou, em alguns casos, à perda de uma consciência comum entre as expressões do socialismo em todo o mundo. Em outros casos, levou a tentativas dinâmicas de superar os obstáculos teóricos e práticos e continuar insistindo no socialismo. Um exemplo disso é o movimento zapatista, que desde a revolta em Chiapas em 1994 luta para estabelecer territórios livres e autogovernados com base na vida comunitária.

Outro exemplo disso é o Movimento de Libertação do Curdistão, que nasceu como um movimento de libertação nacional marxista-leninista na onda da Revolução da Juventude de 1968 e se tornou a principal força motriz do socialismo no Oriente Médio e no mundo. A Revolução de Rojava e as experiências da autogestão do nordeste da Síria mostram um exemplo de vida comunitária livre para todas as sociedades do mundo.

PERSPECTIVAS PARA O PRESENTE

Hoje, as forças democráticas e sociais estão divididas, conectadas por laços táticos sutis e temporários, sem uma base ou consciência comum. A divisão é tão profunda que se perpetua de geração em geração, sem debates políticos entre os dife-

rentes movimentos e contextos. A cada geração, sentimos como se estivéssemos começando do zero.

Em um momento como este, o processo iniciado pelo Apelo à Paz e à Sociedade Democrática, feito em 27 de fevereiro de 2025 por Abdullah Öcalan, nos mostra uma saída, uma alternativa. Demonstra a capacidade de analisar o passado para compreender o presente e construir o futuro. É uma resposta aos problemas históricos da sociedade e do socialismo, oferecendo uma perspectiva diferente sobre a questão do Estado-nação e do industrialismo, propondo uma solução através da Comuna e da Ecoeconomia. É uma abertura e um chamado a todas as forças democráticas e sociais do mundo para superar as divisões impostas pelo poder e organizar uma sociedade democrática.

"Insistir na humanidade significa insistir no socialismo."
Abdullah Öcalan

Porque a essência do ser humano é social, a força de cada indivíduo reside na sociedade, e a força da sociedade reside na participação de cada indivíduo. Precisamos superar as divisões, tornarmos-nos parte de uma humanidade que desperta a sua vontade de vida comunitária e, portanto, a coloca em prática, de uma sociedade capaz de pensar, agir e criar autonomamente. Precisamos disso hoje como precisamos de água e sol, para continuar a vida e construí-la juntos. Ao reconhecermos essa necessidade de uma Nação Democrática, na nossa história e práticas, ao escolhermos fazer parte dela e ao agirmos conscientemente com base nisso, podemos encontrar caminhos para a liberdade.

Insistir no socialismo não significa seguir dogmaticamente uma doutrina ou viver nos debates do passado. Significa assumir a responsabilidade histórica que milhões de pessoas, dando as suas vidas na busca da liberdade, nos legaram. Significa dar vida a essas experiências, compreendendo-as como vivas nas nossas lutas, hoje, como o solo do qual crescemos. Significa ser capaz de criar a partir dessa base, de mudar e transformar a nós mesmos, nossa visão de mundo e da realidade, sem jamais ficar estagnado, mas sempre encontrando maneiras de superar os problemas.

Abdullah Öcalan e o Movimento pela Liberdade do Curdistão assumem essa responsabilidade. A responsabilidade intelectual de trazer à luz soluções para os problemas da sociedade. A responsabilidade moral de reconstruir as relações sociais. A responsabilidade política de tomar decisões coletivas para a construção de uma vida livre.

Este processo é um convite aberto ao diálogo, para construir novas relações com base em nossa herança histórica comum e em nossas posições atuais. É uma proposta para unir lutas e vidas. Dialogar com essa proposta, agregando experiências, conhecimento e esforço, faz com que a esperança e a vida fluam para nossas sociedades!

[1] Da perspectiva de Abdullah Öcalan para o 12º Congresso do PKK

Heval Emine -

UM SÍMBOLO DA REVOLUÇÃO FEMININA E DA UNIDADE DOS POVOS

Emine Erciyes foi membro da Yja Star (Tropas Femininas Livres) e do Conselho de Comando do HPG (Forças de Defesa Popular), além de integrante do Comando Central da Yja Star, tendo falecido em 2020 nas Zonas de Defesa da Mídia. Como mulher turcomana, cada luta representa um poderoso símbolo de internacionalismo e amizade entre os povos. Çiğdem Doğu, membro do Conselho Executivo da KJK (União das Mulheres do Curdistão), falou sobre ela em uma entrevista recente.

Lembro-me da minha camarada, Heval Emine Erciyes, com amor, respeito e gratidão. Ela era da Turquia. Ao se juntar ao PKK, ela viveu e personificou a crença de que as revoluções turca e curda eram, na verdade, uma só. Nesse sentido, nossa resposta à sua memória deve ser garantir o sucesso de uma revolução unida e democrática da Turquia e do Curdistão. É assim que me lembro de Heval Emine.

Conheci-a em 1996. Tanto o caminho dela quanto o meu para dentro do partido foram um pouco incomuns. Naquela época, dentro do PKK havia um plano para que os camaradas da Turquia se concentrassem mais na revolução turca, a fim de construir uma nova formação dedicada a essa luta. Foi assim que o Partido Popular Revolucionário da Turquia (DHB) foi fundado: uma estrutura que reunia camaradas turcos que haviam adquirido experiência dentro do PKK, moldada pela perspectiva e contribuição do Líder Apo. No início da década de 1990, esse esforço organizacional tomou forma sob o nome de DHB. A amiga Emine juntou-se a essa formação, e...” Eu também.

Conforme o processo se desenrolava, as operações aconteciam. Mais tarde, você saiu da Turquia e se juntou diretamente à organização. Foi então que conheci o camarada Emine, no verão de 1996. Estávamos no

mesmo ciclo de treinamento: um grupo significativo de camaradas da Turquia e do Curdistão, aprendendo juntos.

Ela vislumbrou o futuro na união dos povos curdo e turco e encontrou seu caminho no PKK.

Por caráter, ela personificava tanto os valores democráticos, éticos e estéticos das mulheres quanto o espírito comunitário, a consciência social e a resistência do povo turcomano. Mesmo tendo estudado na Darüşşafaka, uma escola intimamente ligada ao sistema, que formava alunos com futuros brilhantes, ela era alguém que enxergava seu próprio futuro não no sistema, mas na revolução e na luta do povo. Ela reconhecia seu lugar não apenas no povo turco ou no povo turcomano, mas na união dos povos curdo e turco e, uma vez que vislumbrou esse caminho, seguiu-o de todo o coração. Foi esse espírito que a levou ao PKK.

Inicialmente, ela se juntou à formação sediada na Turquia. Mas, com o tempo, ela levou consigo a mesma essência em mentalidade, ideologia e estratégia de luta, e continuou sua trajetória dentro do próprio movimento do PKK.

A amiga Emine era conhecida no Movimento por sua elegância. Ela era verdadeiramente uma pessoa reflexiva e artística em todos os sentidos da palavra, uma mulher culta, uma revolucionária culta. Foi assim que a conhecemos desde o início, e ela permaneceu assim até o fim.

Ela sempre manteve vivo seu espírito infantil, recusando-se conscientemente a deixá-lo se apagar ou “crescer”. Ao mesmo tempo, ela o aprofundava, rev-



olucionando-o, politizando-o, fortalecendo-o com a experiência organizacional, com a vida de guerrilheira, com a disciplina da autodefesa. Mesmo assim, ela nunca perdeu a inocência, a alegria e a sensibilidade daquele espírito infantil.

É realmente difícil descrevê-la. Mas ela deixou marcas profundas em todos nós; não apenas entre os camaradas mais velhos, mas especialmente entre os mais jovens. É por isso que é tão difícil expressá-la em palavras. Ela era, simplesmente, diferente.

Uma camarada que dava sentido a cada relacionamento

Sua consciência ideológica, sua curiosidade, sua busca constante por significado, seu esforço para se compreender como mulher...

Ela mantinha diários. Nós os compartilhávamos mesmo enquanto ela escrevia, trocando anotações, lendo

uma para a outra às vezes. Nesses diários, havia sempre uma busca: o esforço de uma mulher para se descobrir; o que o Líder Apo chama de eu, redefinindo sua própria existência, recriando-se conscientemente a partir da luta. Nesse sentido, Heval Emine foi alguém que investiu profundamente em si mesma, mas não apenas em si mesma. Ela também dedicou grande valor e esforço aos seus camaradas, dando sentido a cada relacionamento do qual fazia parte.

Ainda hoje penso nela dessa forma. Ela foi uma camarada em quem refleti muitas vezes enquanto estava viva. Havia sempre algo nela; uma alegria, uma espécie de amor. Em sua postura perante a vida, em sua maneira de agir, em sua maneira de trabalhar, em sua maneira de falar com um camarada, até mesmo em sua maneira de cumprimentar alguém, havia sempre alegria, sempre amor. Ela tinha uma energia especial.



E acredito que essa energia vinha diretamente de sua busca pela verdade e pelo significado da vida.

Ela Podia Agir Livremente; Uma Camarada Que Podia Romper as Próprias Correntes

Toda forma de dar sentido à vida não era científica, era algo diferente. Por exemplo, ela tinha um profundo interesse em física quântica, em tentar compreender a verdade através da teoria quântica. Mas também através da arte, do teatro, da música, da dança...

Como mulher revolucionária, ela tinha uma personalidade livre nesse sentido. Enquanto muitos de nós agiríamos de forma mais conservadora, ela podia agir livremente. Dançar, recitar poesia, mover-se sem restrições no palco; isso é realmente outro nível. Nesse sentido, Heval Emine era uma camarada que podia romper as próprias correntes.

Como eu disse, talvez essa veia artística dela tenha se encontrado com seu espírito de resistência e encontrado uma poderosa harmonia com a realidade guerrilheira que emergiu no Curdistão. Considero muito importante descrever Heval Emine dessa forma. Porque, às vezes, a revolução e a vida revolucionária são compreendidas apenas de maneiras rígidas. Dentro do PKK, Heval Emine era uma fonte de cor nesse sentido. Com seu caráter como mulher, seus traços artísticos, suas qualidades como comandante guerrilheira, como membro da liderança do PAJK, como membro do comando central, como líder feminina, ela se destacou ao expressar sua própria identidade, ao se tornar ela mesma. É assim que considero importante compreendê-la.

E, claro, ela também era uma camarada que deve ser compreendida juntamente com sua identidade turcomana. Ela carregava dentro de si os valores incorruptos, não estatistas, comunitários e coletivos do povo

turcomano. Esse espírito é o que a conecta ao PKK. Ao preservar a essência da feminilidade e ao personificar o lado resistente e comunitário do povo turcomano, ela encontrou seu caminho no PKK.

Cada ligação com os Zagros era algo especial.

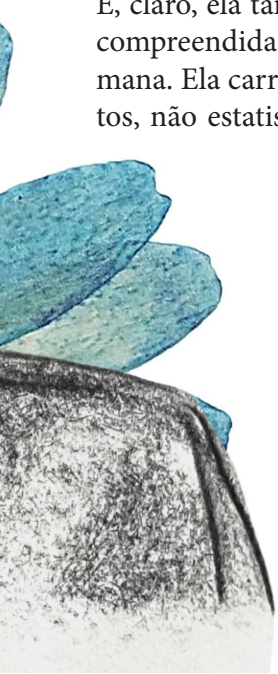
Cada conexão com a região era pautada pelo amor. Não se tratava apenas de um trabalho comum ou de simplesmente estar em um lugar; ela atribuía um significado profundo a tudo. Especialmente nos Zagros, cada relação com as montanhas e com a natureza era extraordinária. Descrevê-la apenas como “ecológica” seria simplista demais. A maneira como ela se relacionava com as árvores, as flores e os animais era a mesma maneira como ela dava sentido às relações humanas, a mesma maneira como ela representava a revolução com valores éticos e estéticos. Cada ligação com uma árvore, e especialmente com as flores, era marcante.

Ela tinha um carinho especial pelos narcisos. As montanhas do Curdistão são belíssimas em todos os lugares, trazendo grande alegria às pessoas. A relação da amiga Emine com a natureza também era assim: ela a via como viva, falava com ela, dava-lhe seu amor e recebia amor em troca.

Há muito o que dizer sobre Heval Emine. Em sua essência, ela era uma mulher revolucionária, uma camarada que viveu a essência comunitária feminina em seu nível mais elevado. Para honrar sua memória, é necessário fortalecer e divulgar a revolução das mulheres.

Ao mesmo tempo, a resposta à sua memória deve ser abordar as revoluções turca e curda como uma revolução unificada e democrática, e garantir seu sucesso. Servir tanto à revolução das mulheres quanto à unificação das revoluções turca e curda é a maneira de honrá-la.

Nossa promessa a ela se baseará nisso. Pessoalmente, atribuo esse significado ao meu tempo com a amiga Emine. Mas, organizacionalmente, todos nós lhe temos uma dívida. Nos esforçaremos para sermos dignos dela.”



Uma Mulher que cresceu nas Montanhas Zagros

Zagros...

não é apenas uma cordilheira,
mas uma brasa que arde nos corações das pessoas,
uma canção ancestral sussurrada pela história.
E dentro dessa canção caminha uma mulher...

Seus passos correm com o vento, seu olhar fixo além do horizonte.
Ela é paciente como a terra,
fluida como a água,
resoluta como o fogo, livre como o vento.

Quando as montanhas Zagros a abraçaram, nutriram-na como um
segredo.

Porque essas montanhas conhecem as mulheres.
Porque essas montanhas foram o primeiro lugar onde as vozes das
mulheres, acorrentadas por séculos, ecoaram.
E essa mulher veio para as montanhas para quebrar essas
correntes, uma a uma.

Ela era uma mulher turcomana,
mas não se deixava confinar por códigos étnicos nem por
mentalidades nacionalistas estreitas.
Ela se reinventou na dor e nas esperanças compartilhadas pelo
povo.

Tornou-se irmã na honrosa resistência do povo curdo,
pioneira no caminho da libertação feminina,
camarada nas montanhas.

Quando reconheceu o líder,
uma luz se acendeu nos túneis escuros de sua mente.
Ela não era mais apenas uma buscadora, mas uma descobridora,
uma transformadora e uma guia.

Encontrou um novo significado em cada encosta dos Zagros.
Descobriu não apenas a geografia,
mas também seu próprio universo interior.



Para ela, a vida de guerrilha não era uma fuga,
mas um confronto. Era uma rebelião.
Era uma revolução da feminilidade, do gênero, do esforço e da
consciência que havia sido reprimida durante séculos.

E, acima de tudo, ela fez essa revolução vivendo-a. Aquelas mãos
que acolchoaram as costas de uma camarada na noite mais fria
da montanha.

Eram as mesmas mãos que seguravam a honra de um povo no
conflito mais acirrado.

Às vezes, cada voz se torna uma canção,
às vezes um slogan.
Mas sempre a voz de uma vida tecida com resistência.

As flores da montanha Zagros desabrocharam de forma diferente
umas das outras.

As rochas testemunharam suas pegadas.
E o vento ainda sussurra seu nome nas névoas da manhã:
"Aquela mulher passou por aqui...
Carregando a liberdade nos ombros..."
Porque ela não era apenas um corpo.
Ela era uma ideia,
uma alma,
uma rebelião,
um amor.

Ela era uma mulher que cresceu em Zagros,
se multiplicou em Zagros,
se tornou imortal em Zagros.

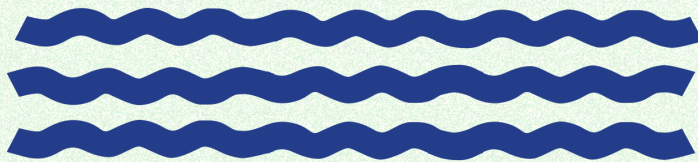


Este poema foi escrito por Ruken Viyan Gever em homenagem
à camarada Emine Erciyes, militante de vanguarda do PKK e do
PAJK e comandante das forças guerrilheiras femininas YJA-STAR,
que foi martirizada em 2020 nas Zonas de Defesa da Mídia.



UMA UGANDA ALTERNATIVA

Inspirando-se na luta de Rojava por autonomia e liberdade da opressão estatal e da invasão imperialista.



Por Kemitooma, exilada política ugandense.

Sarah é uma combatente das YPJ, a unidade de proteção feminina das forças de autodefesa de Rojava. Sarah luta na linha de frente e defendeu Rojava com graça e bravura. E, no entanto, Sarah é feminina, bela e graciosa. Desde o início da nossa interação, eu queria saber o segredo de Sarah e queria ser como ela. Sarah me apresentou aos ensinamentos de Abdullah Öcalan, o líder revolucionário carinhosamente conhecido como Apo. Apo significa tio na língua curda. Ele é o líder da revolução curda pela autonomia e liberdade da opressão turca e da invasão imperialista. Sarah também me apresentou ao conceito de Ginecologia; a construção da sociedade sobre os alicerces da mulher e do seu poder.

A primeira vez que ouvi falar do Curdistão, eu estava no ensino médio e tinha apenas 17 anos. Nosso professor de História mencionou o povo curdo como referência em uma de suas aulas. Ele perguntou se algum de nós já tinha ouvido falar do Curdistão e de seu povo, mas ninguém tinha. Nosso professor se referia a comunidades que buscaram independência e autonomia dos estados existentes. Prometi a mim mesma pesquisar mais sobre a região, embora não o tenha feito. Ouviria falar do Curdistão novamente em 2024, quando Sarah me orientou sobre como criar um vídeo em apoio a Apo, exigindo sua libertação da ilha de Imrali, na Turquia, onde ele está injustamente preso desde 1999!

Em suas palavras, Sarah insistia na necessidade de nosso vídeo ser criativo e divertido. Eu não entendia por que uma mulher militante insistiria em algo tão absurdo e passageiro como diversão. Por que isso importava quando estávamos abordando um tema tão sensível e triste como a injustiça e a prisão injusta de um revolucionário? Aquilo não soava revolucionário aos meus

ouvidos. Então me dei conta de que Sarah e eu estávamos na mesma faixa etária. Sarah é uma jovem com uma personalidade tão forte e poderosa que ser divertida e criativa não diminuiu em nada sua grandeza. Então, juntas, criamos um vídeo divertido e criativo. Essa experiência começou a me mostrar mais uma forma de combater a injustiça.



Minha geração é a geração das hashtags. Sabemos como usar hashtags e liderar campanhas de sucesso nas redes sociais. Minha geração sabe como criar cartazes e marchar pacificamente para combater a injustiça e a repressão estatal, mas quando somos encurralados, podemos nos tornar Sarah? Aprendendo e observando a revolução de Rojava, aprendi que qualquer povo pode adotar qualquer meio de defesa para sobreviver e se preservar.

Aprendi com a graça e a beleza de Sarah que, quando levadas ao limite, as mesmas mãos que uso para contornar os lábios e passar gloss ainda podem ser usadas para lutar pela justiça do meu povo.

Antes do colonialismo, não existia Uganda. Uganda foi uma formação do imperialismo britânico para ajudar a manter o controle do estado recém-formado muito tempo depois da independência. Meu povo vivia em sociedades diversas; algumas sem Estado, como o povo Kiga, enquanto outras, como a sociedade Ganda, se organizavam em reinos altamente centralizados com sistemas políticos únicos e sofisticados. Meu povo, em suas diferentes capacidades, lutou bravamente para se livrar dos britânicos, embora os danos causados fossem tão graves que retornar às suas origens era quase impossível. Assim nasceu Uganda, e a maioria das sociedades anteriores havia sido tão enfraquecida pela repressão britânica que teve que se curvar e se ajoelhar diante do novo Estado.

O Estado chamado Uganda foi adotado pela maioria, e um povo chamado ugandenses nasceu. Eu sou um dos ugandenses que ainda relutam em aceitar a nova

realidade, seis décadas após sua formação. Não estou sozinho; o povo do reino de Buganda, uma das sociedades políticas mais poderosas, da qual o nome Uganda foi cunhado, também tinha suas reservas em relação ao novo Estado. O povo de Buganda, com suas reservas contra o novo Estado, propôs a ideia de um sistema federal de governo, embora a ideia tenha caído em ouvidos surdos na maior parte dos casos. Entre outros motivos, o sistema federal de governo permitiria que as diversas comunidades e identidades em Uganda tivessem a liberdade de existir sem serem assimiladas à identidade estatal e à confusão que isso acarretaria.

Quando um Estado se torna disfuncional, cria-se uma alternativa. The people of Rojava created an alternative; the Democratic Autonomous Administration of Northern and Eastern Syria (DAANES). The DAANES rebelled against traditional hierarchical structures to create democratic local councils and representatives to act as both their social and political structure towards self-governance and self-reliance against state repression and imperialist invasion. I am a champion for an alternative Uganda, autonomous of dictator Museveni's murderous Uganda.¹

O povo de Rojava criou uma alternativa: a Administração Autônoma Democrática do Norte e Leste da Síria (DAANES). A DAANES se rebelou contra as estruturas hierárquicas tradicionais para criar conselhos locais democráticos e representantes que atuassem como sua estrutura social e política rumo à autogovernança e autossuficiência contra a repressão estatal e a invasão imperialista. Sou um defensor de uma Uganda alternativa, autônoma da Uganda assassina do ditador Museveni.¹

Os jovens sonham com uma cultura diferente da cultura do Museveni, que desumaniza e mata seus próprios cidadãos. A cultura da impunidade do Museveni. Nós, os jovens, defendemos uma cultura que respeite a dignidade humana e os direitos humanos. Recusamo-nos a ser chamados de netos de um sistema falido. Ansiamos por uma cultura que desenvolva seu povo e não o empurre para o exílio quando não há professores suficientes para educar as crianças e médicos para tratar os doentes. Uma cultura alternativa, uma Uganda alternativa.

Os jovens anseiam por se divertir e ser criativos como Sarah, da YPJ! Os jovens querem se expressar no TikTok e não serem jogados na prisão como Edward Awebwa; um tiktoker de 24 anos que atualmente cumpre seis anos em uma prisão ugandense sob a acusação de insultar a pessoa do presidente. O crime de Edward

Awebwa foi exigir uma Uganda alternativa. Os jovens querem dançar ao som da música e cantar canções de liberdade e amor. Os jovens não querem viver em medo perpétuo, esperando que o próximo drone os pegue por causa de um vídeo divertido que postaram nas redes sociais. O ditador não é capaz de humor. O ditador é sádico, mas nós somos jovens, somos divertidos e somos o futuro. Recusamo-nos a viver nossas vidas com medo. Construiremos uma Uganda alternativa e dançaremos e cantaremos pela liberdade, pela paz, pela igualdade e pela união.

Entendemos o pesado fardo que nos foi imposto, mas também somos uma geração expressiva que se recusa a ser silenciada. Para nossa autopreservação, estamos prontos para empregar todos os meios para nos livrarmos de um ditador que não nos permite exercer nossa liberdade de expressão em paz. Abdullah Ocalan escreveu certa vez: “Um revolucionário que não sente ódio e raiva pelo inimigo deve nos parecer suspeito”². O povo de Rojava odiava tanto a opressão e a discriminação que esse ódio superou seu amor pelo conforto. Ódio não como uma explosão emocional, mas como uma ferramenta revolucionária para promover mudanças. Será que os ugandenses podem odiar tanto a injustiça que esse ódio supere seu amor pela comida ugandense, que existe em abundância?

Meu apelo aos jovens ugandenses é por coragem. Aqueles que lutaram contra a invasão colonialista ainda tinham comida. Uganda não mudou muito desde então. Havia comida e haverá comida em nosso país. Que tenhamos a coragem, a força e o espírito revolucionário para nos privarmos de comida em prol de uma sociedade mais justa e livre da impunidade. Que nosso amor pela pátria supere nossos medos inerentes. Que possamos acreditar tanto em seu sucesso e desenvolvimento que estejamos dispostos a sacrificar tudo o que possuímos para libertá-la de um sistema repressivo que sufoca nossa liberdade.

Somos a geração divertida.

Somos a geração rebelde.

Somos a resistência!

[1] Yoweri Museveni é o presidente ininterrupto de Uganda desde 1986.

[2] “A questão da personalidade no Curdistão, a personalidade militante e a vida partidária”, Abdullah Öcalan, 1985.

O que aconteceu na história?



27 DE NOVEMBRO DE 1978 - CURDISTÃO

O congresso de fundação do que viria a ser chamado de “PKK” ou Partido dos Trabalhadores do Curdistão foi realizado na vila de Fis, perto de Lice, Amed. Vinte e dois delegados estavam presentes, entre eles Abdullah Öcalan e Sakine Cansiz “Sara”. A decisão de fundar o partido foi uma resposta ao assassinato de Haki Karer pelo Estado turco, que era uma das principais figuras do grupo apoísta. O que começou como uma reunião modesta logo se transformou em um dos movimentos de libertação contemporâneos mais significativos. Na primavera de 2025, após um apelo por paz e sociedade democrática feito por Öcalan, o 12º congresso do PKK decidiu pela dissolução da organização e pelo fim da estratégia de luta armada. Isso marcou o início de uma nova fase na luta pela libertação e por uma sociedade democrática.

2 DE DEZEMBRO - NIGÉRIA



Em 2 de dezembro de 1929, mais de dez mil mulheres se manifestaram em Oloko, uma cidade no Nígeria, então colonizada pelos britânicos. A manifestação incluiu mulheres de seis grupos étnicos (ibíbio, andoni, orgoni, bonny, opobo e igbo). Isso marcou o início da guerra das mulheres, ou ugu umunwanyi na língua igbo. Essas manifestações resultaram em grandes aglomerações acompanhadas de dança e canto, mas também no saque de bancos e armazéns europeus e na destruição dos tribunais coloniais destinados aos povos indígenas. Tradicionalmente, as mulheres nigerianas tinham permissão para participar da tomada de decisões e desempenhavam um papel importante na sociedade. A administração colonial britânica buscava desenvolver uma estrutura de poder patriarcal e dominada pelos homens para facilitar a colonização.

25 DE DEZEMBRO DE 1553 - WALLMAPU



Nas terras do atual Chile, neste dia, o governador colonial espanhol Pedro de Valdivia marchou para a batalha contra um exército de mais de 50.000 indígenas, liderados por Lautaro – um jovem mapuche que fora tratador de cavalos de Valdivia após ser capturado e forçado à servidão aos 11 anos. O exército mapuche venceu a batalha de Tucapel, capturando Valdivia e provando que os povos indígenas não se renderiam. O que se seguiu foram mais de 100 anos de resistência mapuche – uma das mais longas revoltas indígenas do continente. Em 1982, durante a ditadura de Pinochet, o Movimento da Juventude Lautaro surgiu para lutar contra a repressão fascista, honrando seu espírito resiliente. Até hoje, o legado de Lautaro permanece vivo na resistência diária do povo mapuche contra a opressão estatal.

1º DE JANEIRO DE 1804 - HAITI



Em 1º de janeiro de 1804, após uma luta corajosa, os antigos escravos da colônia francesa de Saint-Domingue declararam sua independência, renomeando a ilha para Haiti — um nome inspirado no povo arawak, que outrora a chamava de lar. A Revolução Haitiana foi a primeira revolta de escravos bem-sucedida da história. Ela provocou ondas de desconforto nas sociedades escravistas das Américas e inspirou movimentos de libertação em todas as colônias. Mas isso teve um preço: o Haiti foi isolado pelas potências coloniais e forçado a indenizar a França pela perda de sua mão de obra escrava — uma dívida injusta que devastou a economia haitiana por gerações.

QUEM SOMOS?

Lêgerîn é uma plataforma de mídia global criada por e para jovens revolucionários internacionalistas – unidos nas diferenças que nos aproximam. Sua postura ideológica está alinhada com o paradigma da Modernidade Democrática, desenvolvido por Abdullah Öcalan, originário da revolução em curso no Curdistão. Como o sexismo e a desvalorização das mulheres são as bases de todos os sistemas de dominação, a ideologia da Libertação das Mulheres é o fundamento de todo o nosso trabalho.

Nosso nome “Lêgerîn” é uma palavra curda que significa “buscar”, refletindo a jornada dos revolucionários em busca de um caminho para a liberdade coletiva. Também escolhemos esse nome para homenagear Lêgerîn Ciya (Alina Sanchez), da Argentina, uma inspiradora médica internacionalista e combatente das YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres), que sacrificou corajosamente sua vida em Hassake (Rojava) em março de 2018.

Atualmente, amigos da Indonésia, Papua, Quênia, Uganda, Rojava, Europa e Abya Yala estão participando do nosso trabalho.



QUAL É O NOSSO OBJETIVO?

Como Lêgerîn, nosso objetivo é fornecer ferramentas, tanto ideológicas quanto práticas, para que jovens de todo o mundo se organizem, desenvolvam suas próprias perspectivas, autonomia e uma vida livre. Embora os jovens estejam, mais do que nunca, desempenhando um papel de vanguarda em todas as revoltas e movimentos de resistência ao redor do mundo, acreditamos que a falta de perspectivas claras e globalmente refletidas e a ausência de uma identidade comum estão impedindo esses movimentos de alcançarem vitórias maiores.

Portanto, temos três objetivos principais

- Promover o paradigma da Modernidade Democrática
- Fomentar uma revolução intelectual e cultural entre os jovens em todo o mundo
- Participar na formação de um novo Internacionalismo enraizado no Comunitarismo

QUAIS SÃO OS NOSSOS PROJETOS?

Publicamos a revista trimestralmente em sete idiomas, produzimos vários tipos de brochuras, vídeos, podcasts, gerimos um site e várias plataformas de mídia digital. Também criamos grupos de pesquisa em todo o mundo, administramos uma academia internacional onde oferecemos educação política online acessível a todos e organizamos regularmente workshops e seminários presenciais.

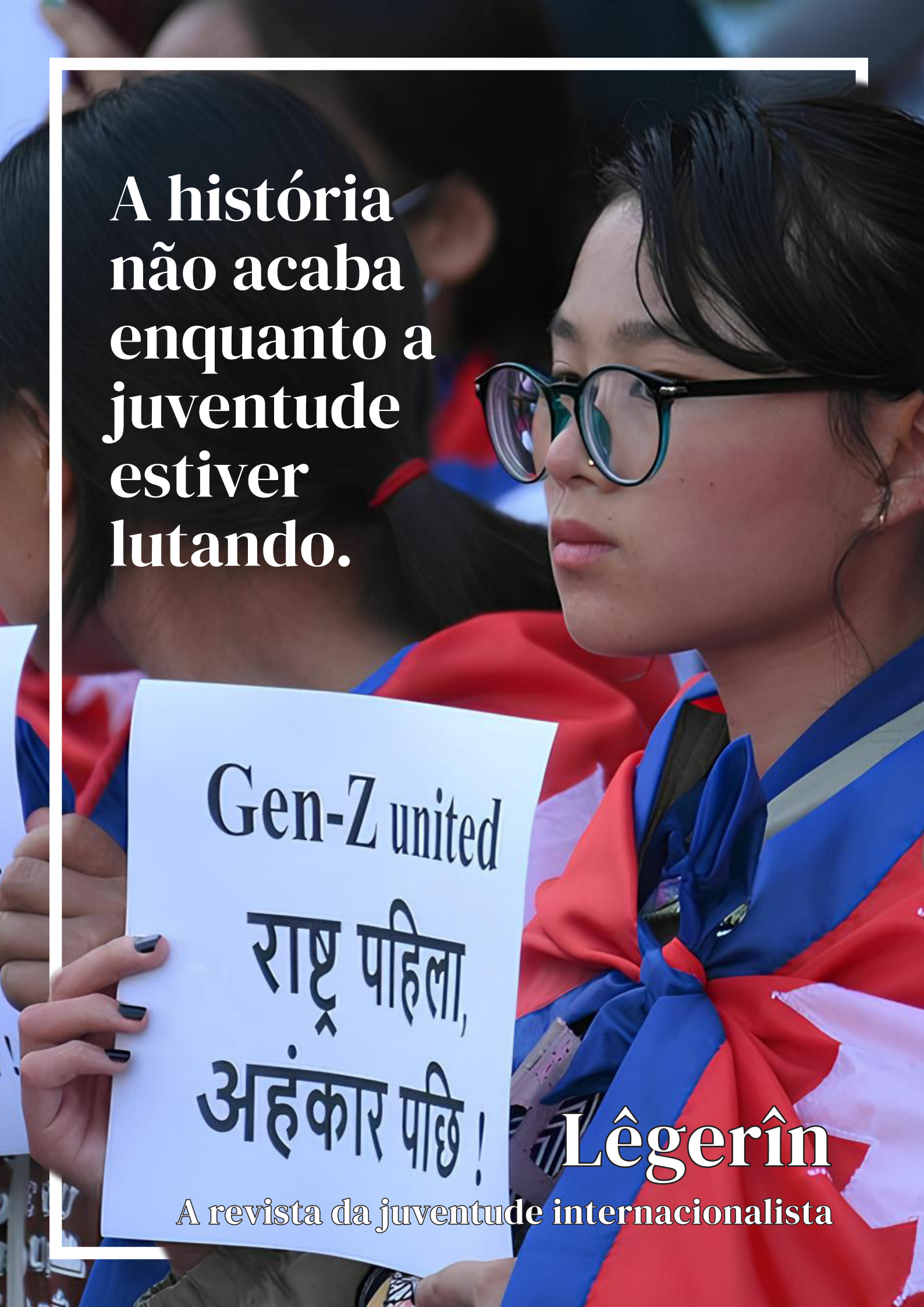
COMO PARTICIPAR DA REDE?

Se você estiver interessado em participar do nosso trabalho de alguma forma, não hesite em entrar em contato conosco!

-Envie-nos um e-mail para:
legerinkovar@protonmail.com

-Envie-nos uma mensagem pelo
Signal: [legerinkovar.84](https://www.whatsapp.com/channel/00299844444444444444)



A young woman with dark hair and glasses is shown in profile, looking to the left. She is wearing a red and blue sash tied around her neck. She is holding a white sign with text in English and Hindi. The background is blurred, showing other people in similar attire.

**A história
não acaba
enquanto a
juventude
estiver
lutando.**

Gen-Z united
राष्ट्र पहिला,
अहंकार पछि !

Lêgerîn

A revista da juventude internacionalista